

Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar o resultado de uma pesquisa realizada com vistas ao aprofundamento de estudos relacionados ao envelhecimento humano, particularmente ao envelhecimento feminino no que se refere às suas práticas associativas¹. A minha inserção profissional, a literatura atual sobre o envelhecimento e a conseqüente participação em eventos científicos foram elementos impulsionadores ao aprofundamento da questão.

Os processos organizativos em curso no Estado do Espírito Santo vêm ratificar os dados que se evidenciam nacionalmente: a face pública da velhice é feminina. A expansão dos grupos de convivência (e outros espaços associativos), quase todos respaldados pelo poder público, apresenta um traço marcante (e comum em outros Estados): a predominância da participação feminina.

Essa questão já era objeto de interesse investigativo em processos anteriores que me levavam a refletir sobre os elementos que incidiam sobre este fenômeno que emergia, a meu ver, como um traço de ruptura com os padrões e estereótipos que historicamente têm definido o perfil e a identidade da mulher em nossa sociedade, particularmente quando essa mulher já se encontra em idade avançada. E era exatamente este ponto que suscitava indagação: Por que as mulheres idosas resolveram sair de casa? O que elas procuram nos Grupos de Convivência e nas Universidades Abertas? Quais os seus interesses mais imediatos? O que as fazem reverter um processo sociopolítico e cultural que historicamente as submetia aos limites do lar, portanto ao âmbito da esfera privada? O que as fazem procurar a esfera pública?

¹ Na verdade, a pesquisa é mais um elemento de validação, uma vez que já me ocupo da temática no âmbito da minha trajetória profissional e acadêmica. Como docente, por meio do desenvolvimento de disciplinas no curso de graduação e pós-graduação lato sensu, e supervisão de estágio que tem me propiciado, além da discussão teórica, o acompanhamento de estagiários com grupos de convivência para idosos. Coordenei, por nove anos, o Núcleo de Estudos e Assessoramento à Terceira Idade (NEATI-DSS-UFES), cuja proposta básica é favorecer e ampliar o debate sobre a questão do envelhecimento junto grupos, organizações públicas e não-governamentais. Coordenei, no mesmo período, o Projeto de Extensão Universidade Aberta à 3ª. Idade – DSS/UFES. Essa mesma linha de ação me levou a uma participação institucional na discussão e organização de entidades representativas da pessoa idosa, como grupos, fóruns e conselhos. Além de atuar na assessoria, integrei, como representante de instituição de ensino/pesquisa, o Conselho de Idosos do município de Vila Velha, na região metropolitana da Grande Vitória, no período 2002/2003. Atualmente, representando a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, Seção Espírito Santo, integro o Conselho Estadual do Idoso no biênio 2007/2009 e, pela UFES, como suplente, o Conselho Municipal do idoso de Vitória, no mesmo período.

Com esse interesse desenvolvi uma pesquisa entre 1988 e 2000², o que me levou a uma retomada histórica da trajetória da mulher na sociedade brasileira e à busca de aprofundamento de categorias analíticas no âmbito da cidadania, da subjetividade e da emancipação. Um maior discernimento entre as fronteiras e as convergências dessas categorias me ajudaria na configuração de um quadro mais nítido e mais elucidativo dessa nova realidade que emergia na esfera dos espaços associativos frequentados por idosos.

Os primeiros resultados da pesquisa apontaram para a necessidade de um desdobramento, considerando a importância de dados mais seguros com relação ao outro lado da questão: a ausência masculina nos grupos de Terceira Idade. Desenvolvi então um subprojeto para conhecer os motivos dessa ausência.

Os resultados do estudo mostraram uma inversão na dinâmica da vivência de papéis sociais entre homem x mulher e o advento da aposentadoria, um peso e significado determinantes. De acordo com os dados, a vivência e a perspectiva do envelhecimento estão sendo positivas para homens e mulheres. As manifestações e as buscas passam por caminhos diferenciados, mas há um elemento comum nos projetos de velhice: a liberdade para dispor da própria vida. As mulheres procuram visibilidade e ressignificação de seus interesses em espaços associativos. Os homens saem da cena pública e protagonizam novos papéis em casa, com a família, com os amigos.

As buscas femininas, evidenciadas naquela pesquisa, ainda não apontavam para uma perspectiva de interesse público voltado para projetos coletivos, numa dimensão mais política. Os espaços associativos emergentes constituíam-se em dinâmica e efervescente oportunidade de troca de experiência e ampliação de vivências comunitárias prazerosas, por estarem respaldadas na afetividade.

Os anos seguintes vêm configurar uma expansão desses movimentos associativos tanto quantitativa quanto qualitativamente. Cresce o debate, amadurece a compreensão da responsabilidade individual e social das pessoas no que se refere aos interesses públicos de criação e consolidação de medidas institucionais, voltadas para a segurança e o bem-estar social da pessoa idosa.

² Esta pesquisa intitulada *Refazendo Caminhos: homens e mulheres na Terceira Idade: o protagonismo de uma inserção diferenciada* contou com o apoio do CNPq, o que possibilitou a participação de uma bolsista de iniciação científica. Confronte Reg. PRPPG/UFES nº 083/97.

Os grupos de convivência seguem priorizando as suas ações socioculturais, nem sempre pautadas por um debate público focado nas questões mais políticas – que interferem na vida cotidiana das pessoas –, mas não deixam de se constituir em um *locus* privilegiado, favorecedor de informações que motivam as pessoas a novas investidas em grupos culturais, fóruns, conselhos de defesa de direitos e de políticas públicas e cursos de extensão universitária. O espaço de participação se amplia e com ele uma mudança na prática social e na trajetória individual de muitas mulheres que assumiram uma nova perspectiva, fora do ambiente doméstico, como uma dimensão importante nos seus projetos de vida.

O atual momento expressa um avanço que se considera um demarcador importante na redefinição de práticas sociopolíticas e institucionais voltadas para a emancipação da pessoa idosa. Os estudos, as observações e a participação em instâncias associativas têm-me levado a uma constatação de que essa face pública da velhice, que é feminina, apresenta-se revestida de duas características: uma que se centra na perspectiva mais individualizada, com ênfase em questões identitárias e subjetivas e outra que aponta um componente mais político, tendo nos processos socioeducativos e de controle social a sua principal marca.

Assim, no intuito de continuar estudos sobre essa questão, desenvolvi a presente pesquisa cujo resultado se constitui nesta tese de doutorado, orientada pela busca de entendimento dos padrões que definem o perfil da mulher em fase de envelhecimento e que compõem a sua face pública, ou seja, a compreensão dos fatores que orientam as suas buscas e em que medida essas se constituem em instrumentos emancipatórios e/ou evidenciam e potencializam valores individuais consagrados pela atual lógica sociopolítica.

Tal propósito consistiu-se na problematização de questões que envolvem mudanças e permanências. Nesse sentido, o aporte teórico adotado busca situar esse sujeito (mulheres idosas) no plano individual, na base das mudanças identitárias, e no plano social, em seu protagonismo, como um sujeito político.

O principal foco de análise é o lugar onde se desenvolve essa experiência participativa, que é examinada à luz dos reflexos advindos do movimento planetário que afeta as nossas vidas na atualidade. É ressaltada a mobilidade e a inconstância que levam à

fragmentação e impede a autonomia e liberdade de escolhas “[...] face aos condicionamentos e aos imperativos que levam os sujeitos a escolherem o que já está escolhido” (BAUMAN, 2001). O exacerbado interesse pelas questões individuais e o gosto pelo culto ao personalismo e pelo consumo de massa que interfere na subjetividade humana são analisados com base em Giddens (2002).

Os espaços interativos que dão expressão ao movimento social da pessoa idosa, alvo deste estudo, são dimensionados como aqueles onde se pode dar o alargamento da política e, nessa perspectiva, merecem destaque as postulações de que a ação política pode ser influenciada por decisões tomadas por cidadãos comuns, com base em suas demandas cotidianas. Tais demandas se tornam consenso – após apreciação crítica – como resultado de um entendimento entre iguais. O argumento e o reconhecimento do outro são postulados básicos. Trata-se do foco analítico de Habermas (2003) e Arendt (1997).

Além disso, esses espaços também são configurados como lugares do aconchego, da emoção e do lúdico. A contribuição de Bauman (2003) é importante em sua análise da perspectiva comunitária de que esses espaços se revestem, entendidos como o lugar da segurança, o *círculo aconchegante* que abriga um tipo de imersão ingênua na união humana. Busco ainda configurar esses espaços com base nos elementos da vida cotidiana, entendida na sua dimensão fenomênica (BERGER; LUCKMAN, 1991), mas também nas possibilidades de ultrapassagem desse estágio (HELLER, 1992), (KOSIK, 1986) e (LEFEBVRE, 1991). Outro elemento de destaque na caracterização desses espaços é a formulação Simmelina (SIMMEL, 2006) entre a forma (de vida social) e o conteúdo (material) que incidem sobre os processos associativos.

Como se constata, o direcionamento de que se reveste o movimento foco desta análise requer uma base teórica plural, e são claras as fronteiras de cada uma. Daí o entendimento de que uma vertente que consolida posturas adaptativas ou conformistas pode ser ultrapassada, ensejando rupturas e busca de patamares mais elevados de compreensão do lugar político e social que se atribui ao sujeito na sua humanidade.

Tem-se como ponto em comum, nas diversas abordagens, a potencialização do sujeito – um sujeito que reflete e é reflexo do mundo contemporâneo – e ela terá a dimensão ou o

direcionamento a que se propõe o protagonista ou o movimento a que pertence. De qualquer forma fica evidente, nas diversas abordagens, que o sujeito, potencializado, é condição e princípio de qualquer movimento emancipatório.

A hipótese norteadora da pesquisa foi que a subjetividade feminina, na velhice, introduz novos elementos em seu papel social na atual etapa de vida. Isto decorre de mudanças que caracterizam a sociedade contemporânea e se expressam em duas dimensões: uma que busca a ampliação da auto-estima e outra que contempla uma dimensão mais política.

Então estabeleci, como objetivo geral, compreender, à luz da moderna teoria social, o reflexo dos padrões que configuram a sociedade contemporânea nas trajetórias de mulheres que envelhecem, identificando as principais alterações socioculturais e políticas daí decorrentes. Para um melhor dimensionamento da questão, entendi ser pertinente compor o perfil das mulheres objeto do estudo, buscando identificar as principais características que definem a identidade da mulher idosa contemporânea. Outro interesse foi o de captar o potencial político dessas mulheres nos seus espaços associativos, buscando configurar os elementos que impulsionam ou fragilizam os processos emancipatórios nas modalidades organizativas em curso.

O percurso necessário ao alcance desses objetivos me levou, de antemão, à formulação das questões: Que elementos são significativos na compreensão do papel social e das rupturas que transformaram o universo social feminino? As mulheres idosas que buscam práticas associativas são motivadas por que tipo de questões? identitárias? políticas? Em que medida essas dimensões convergem ou se opõem? Qual o significado das alterações do universo social da mulher idosa para a redefinição de um projeto societário de velhice?

As possíveis respostas constituíram-se em objeto de apreensão, por meio desta pesquisa desenvolvida com um segmento da população idosa que ocupa espaços públicos na Grande Vitória-Espírito Santo.

Para escolher os sujeitos, levei em consideração a natureza do movimento a que eles pertenciam, o local de moradia e o papel desempenhado no grupo (coordenação, liderança ou membro participante).

A pesquisa pautou-se em uma abordagem qualitativa por meio de entrevistas semi-estruturadas, de modo a captar o perfil individual, familiar e social das entrevistadas. A abordagem qualitativa foi pertinente porque a dinâmica do processo a ser analisado deveria compreender valores, crenças, motivações e sentimentos humanos dentro de um contexto de significados (GOLDEMBERG, 2004, p. 19).

A pesquisa qualitativa, portanto, apresentava-se como uma possibilidade metodológica adequada para estudar o significado, o contexto, a trajetória histórica e a prática social dos indivíduos. Martinelli (1999) destaca a importância da singularidade e do conhecimento da experiência social do sujeito. Destaca ainda a dimensão política desse tipo de pesquisa que, como construção coletiva, parte da realidade dos sujeitos e a eles retorna de forma crítica e criativa. É uma pesquisa que se realiza pela via da complementaridade, e não da exclusão.

Para esse fim, busquei identificar nas mulheres alvo da minha pesquisa, alguns marcadores indicativos da sua trajetória familiar (origem, configuração, deslocamentos, assunção de papéis), do trabalho profissional (natureza, formalização, mudanças) e da participação social (número, tipo e natureza da(s) entidade(s) e o reflexo desse processo participativo para a vida das entrevistadas). Procurei ainda, conhecer a percepção das entrevistadas acerca do envelhecimento, os diferenciais em relação a gerações passadas, bem como os aspectos positivos, as dificuldades, as idealizações e os sonhos que permanecem nessa etapa da vida.³

Usei como técnica a entrevista e a observação direta, o que me permitiu a captação do dado num processo interativo. “[...] O contato pessoal e estreito com o fenômeno pesquisado, permite que se chegue mais perto da ‘perspectiva dos sujeitos’ – importante

³ Naturalmente, por um dever ético, expus a finalidade da pesquisa e deixei as possíveis entrevistadas à vontade para participar ou não dela, deixando clara a preservação do anonimato e a devolução dos dados após a sistematização. Não houve nenhuma objeção, pelo contrário, todas se mostraram disponíveis, não só para aquela etapa, mas para outras se fossem necessárias.

para a apreensão do significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.26).

Os sujeitos da pesquisa em foco foram 25 mulheres com idade igual e superior a 60 anos (à exceção de uma entrevistada com 59 anos, cuja trajetória em movimentos associativos era muito significativa), integrantes de Grupos de Convivência, Conselhos, Fóruns de Defesa de Direitos e Programas de Extensão Universitária. A escolha dessas modalidades participativas foi decorrente do fato de que esses espaços, além do caráter associativo que a eles é inerente, mantêm uma estrutura permanente, uma institucionalidade e uma natureza programática pertinente aos propósitos deste estudo: uma perspectiva mais centrada em questões educativas e socioculturais (Programas de Extensão Universitária e Grupos de Convivência) e outra em questões mais políticas (Conselhos e Fórum). Busquei contemplar mulheres com grau de instrução diferenciada, situação socioeconômica também diferenciada, e com inserção nas diversas modalidades associativas, conforme acima especificadas. Ao levar em conta essa diversidade, o meu propósito era o de verificar em que medida ela influenciaria os posicionamentos ou práticas sociais das mulheres alvo da pesquisa.

O processo de pesquisa constituiu-se num momento particularmente rico, em que as entrevistadas falavam amplamente acerca de suas histórias de vida, dos seus dramas e dos caminhos percorridos para o enfrentamento deles. Os relatos extrapolavam os contextos das perguntas. Geralmente o tempo transcorrido ultrapassava o previsto. Sentiam-se valorizadas por contribuírem para o meu trabalho, mesmo considerando que *a sua importância era muito pequena para um estudo de doutorado* ou uma pesquisa universitária.

Para mim, que já conhecia muitas daquelas mulheres por meio de encontros formais (aulas e/ou reuniões de grupos), aqueles momentos foram importantes para uma compreensão maior de determinadas posturas que se manifestavam nos processos interativos. Além disso, *a conversa sobre suas vidas*, possibilitada pelas entrevistas, permitiu uma leitura mais ampliada das relações de poder e subalternidade, das razões de muitas escolhas e, principalmente, do significado do movimento social nas suas vidas. Igualmente, esse processo me proporcionou desafios profissionais e pessoais muito grandes. Em primeiro lugar, o fato de ser uma profissional com um longo tempo

de inserção nessa área desencadeava em mim certa tendência a *antecipar* conclusões, o que se constituía num enorme bloqueio ao processo investigativo. Era necessário um reposicionamento meu, que exigia um profundo esforço de desconstrução de determinadas posturas e assertivas: um exercício de “estranhamento” em relação a um objeto, aparentemente familiar (VELHO, 2004).

Naturalmente, para melhor compreender os elementos demarcadores da inserção das mulheres na cena participativa, busquei delinear o perfil das 25 entrevistadas. Tem-se uma predominância de mulheres sem vínculo matrimonial ou sem um parceiro (ao todo 19), o que lhes facilita a busca por espaços de convivência fora do lar, embora, para algumas, essa prática associativa não seja recente.

O nível de escolaridade predominante é o segundo grau, seguido do primeiro grau completo (duas não chegaram a completá-lo) e finalmente do curso superior que algumas cursaram.

Apenas duas entrevistadas não trabalharam fora do lar, sendo as que apresentaram o mais baixo grau de instrução (primeiro grau). As ocupações declaradas podem ser agrupadas entre profissões reconhecidamente *femininas* ou *atividades relacionadas à extensão do lar* (costureira, auxiliar de enfermagem, professora, artesã, confeitadeira, trabalho voluntário, do lar) e profissões relacionadas ao setor de serviços (funcionária pública e auxiliar de escritório) e ao comércio (comerciante e vendedora). A quase totalidade das entrevistadas sempre trabalhou fora do lar. **Não se confirmou a hipótese inicial de que essas mulheres só agora saíam de casa em busca de espaços públicos. Na verdade, a natureza do espaço mudou de uma atividade profissional ou religiosa para um associativismo pautado na cultura e no lazer.** De qualquer forma, se essas buscas atuais poderiam configurar uma ruptura com padrões conservadores ou opressores, elas não são (ou não foram) as únicas.

Na visão das entrevistadas, os espaços de participação não se diferenciam muito em decorrência da natureza das respectivas propostas, embora essa diferença seja evidente e reconhecida por algumas. Na verdade, o mais valorizado é o que eles têm em comum: **o espaço da acolhida e a possibilidade de pertencimento.** A dimensão da política ainda é embrionária e, em muitos casos, não desejada. A identidade de velhice é valorizada no

que pode potencializar as individualidades e não se configura uma perspectiva de cimentar processos sociais e lutas por defesa de direitos no âmbito dessa categoria.

Conforme exposto, esta tese contempla um estudo realizado sobre os processos participativos vivenciados por mulheres em fase de envelhecimento. Trata-se de entender formas de manifestação da sociabilidade que se expressa na cena pública contemporânea. Tais manifestações em que se constata um processo de ruptura e continuidade, de autonomia e dependência, são analisadas com base numa reconfiguração da velhice no quadro societário vigente.

Com esse pano de fundo, busquei ampliar estudos sobre um emergente movimento social: o de mulheres idosas que procuram, nos espaços públicos, possibilidades de afirmação e emancipação. Para tanto, esta tese está estruturada da seguinte forma: num primeiro momento, (item 2), procuro situar o sujeito contemporâneo em face dos desafios do mundo atual, buscando um melhor entendimento das transformações que pautam os interesses e os referenciais norteadores de suas escolhas. As principais marcas desse sujeito são analisadas por Giddens (2002), que problematiza a valorização da auto-identidade constituída pelas instituições da modernidade no mundo globalizado. O contraponto a essa perspectiva é construído por Bauman (1999; 2001; 2005), que critica o deslocamento do macro para o nível micro do convívio social, que é determinado pela *política-vida*.

Na seqüência, (item 3), procuro mapear, sob o aspecto teórico, os espaços constituintes da cena pública em que as mulheres, alvo desta pesquisa, constroem e exercitam seus projetos societários. Essa qualificação apóia-se em autores que configuram os espaços de participação como um *locus* potencializador de sujeitos cívicos e políticos. A abordagem contempla ainda a problematização desses espaços na sua dimensão de acolhimento, das formas lúdicas e do cotidiano.

A contextualização da velhice (item 4), é contemplada com base nos mais recentes indicadores, em que são apontadas as dificuldades e as possibilidades que se apresentam para uma população que envelhece num país para cuja realidade não está preparado e que dispõe de uma legislação tão avançada quanto distanciada da efetividade requerida. Procuro caracterizar a face feminina do envelhecimento e as implicações desse

fenômeno para a vida pessoal e social das mulheres, notadamente quanto à responsabilidade que passam a ter como provedoras e cuidadoras de familiares. São ainda apontadas as principais iniciativas da intencionalidade governamental quanto à efetivação das políticas públicas consignadas à população idosa.

No item 5, apresento considerações sobre a experiência social de mulheres, buscando compreendê-la nas bases que o feminismo plantou na alteração das relações sociais e, de uma forma mais específica, procuro situar o processo de socialização das mulheres idosas no Espírito Santo, tendo em vista a natureza e a dinâmica dos espaços que institucionalizam suas experiências comunitárias.

O resultado da pesquisa está colocado no item 6, em que é apresentado um perfil das mulheres entrevistadas e são analisadas algumas categorias importantes para o entendimento do seu deslocamento para o espaço público, tais como: a configuração familiar, a trajetória de trabalho e a participação social. Esse item é obviamente mais amplo que os demais, pelo fato de constituir-se na parte empírica em que procuro contemplar os discursos das entrevistadas, visto que neles se revela a essência da sua cotidianidade, portanto a base norteadora deste estudo.

Nas conclusões retomo os principais temas que fluíram na pesquisa e desenvolvo considerações analíticas sobre os processos estudados, no que eles têm de possibilidades e fragilidades. Torna-se claro que, se o horizonte político não é a principal marca desses movimentos, nem por isso eles são menos importantes, uma vez que representam a expressão do desejo e da busca das mulheres entrevistadas. Mas pondero que, se essa dimensão não deve ser secundarizada, nem por isso ela deve constituir-se no objetivo único das buscas e práticas associativas femininas, principalmente pela diversidade de forças que tais movimentos ensejam.